



Cuia bara total

Antônio SODRÉ



Luiz Renato de Souza Pinto
Maurília Valderez do Amaral (Orgs.)

REALIZAÇÃO



SECRETARIA DE
Estado de Cultura,
Esporte e Lazer



Governo do
**Mato
Grosso**

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

ANTÔNIO SODRÉ

CUIABARATOTAL

Organizadores

Luiz Renato de Souza Pinto

Maurília Valderez do Amaral

© Antônio Sodré, 2021

Proibida a reprodução de partes ou do todo desta obra sem citar a fonte.
VENDA PROIBIDA.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Douglas Rios – Bibliotecário – CRB1/1610)

C966

Cuiabaratotal/ Luiz Renato de Souza Pinto, Maurília
Valderez do Amaral (orgs.). Antônio Sodré. 1ª edição.
Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, 2021.
160 p.

ISBN 978-65-88600-54-2

1.Literatura. 2.Poesia. I.Pinto, Luiz Renato de Souza
(org.) II.Amaral, Maurília Valderez (org.) III.Título.

CDU 82

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura – Poesia - 82

Editores

Elaine Caniato
Ramon Carlini

Capa e Ilustrações

Elaine Caniato,
sobre foto de Marcelo Cabral

Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica

Ramon Carlini

Organizadores

Luiz Renato de Souza Pinto
Maurília Valderez do Amaral

Revisão

Luiz Renato de Souza Pinto
Maurília Valderez do Amaral



(nome fantasia da Editora TantaTinta Ltda.)

Rua Nossa Senhora de Santana, 139 – sl. 03 – Centro-Sul – 78.020-122
Cuiabá-MT – (65) 3023-5714

carliniecaniato.com.br - contato@tantatinta.com.br

O que será de nós depois dos nós atados?!...

“Sem você presente
ganho só saudades
de presente...”

Com você presente
ganho você
de presente...”

I

hay-kay é uma forma de canto

NAVEGAR...

Em si navegar...
navegar em si...

E se romper
indo mar afora
foradesi...

(e por si move!)
(e por si move!)

VELOZ

VELOZ

VELOZ

VELOZ

VELOZ

VELOZ....

A noite como um raio luzindo,
estremecendo.

Há no alto, algo como a sondar
como um grande olho.
tô em sintonia com ele.

(Obedeço ou não?!)

As ervas são como fios verdes-azuis;
da amoreira pendem ramas verdes.

Já é tempo de pensar na volta,
meu sofrimento está ficando insuportável
vento de primavera, não te conheço;
porque atravessas minhas cortinas de gaze?

Um vento que bate
levemente em forma de brisa
avisa que nem todo o vento
é tempestade...

Há também os momentos
de levitação
de leve estação...

Que na carícia mais
suave
assanha a cabeleira das
árvores
fazendo-as baterem
palmas...

Um carro que se afasta
deslizando pela rua afora

Está sufocante o calor
nessa manhã de outubro
com o suor saindo
pelos meus poros

Breve chegarão as chuvas
a encher de água o poema
acolhendo em seu regaço
lágrimas torrenciais caindo
do céu...

I

Tem música lá embaixo
um sax acabou de chorar...
tambores ribombando dão ritmo
ao samba,
com vozes entremeadas enchendo
o saguão
num burburinho nervoso.

II

É certo que os meus ouvidos
atentos ao que se passa
bebem o som que vem lá debaixo...

III

Os tambores voltam a ribombar
de novo
chamando o sax prá brincar.

A MENTE CAPTA

A mente capta tudo
o que lhe vem na telha...
na tela própria
que é dela...

Cadê ela?!
Cadê ela?!

Minha mente capta
os versos que estou apto a fazer...

Mentecapto... poeta mentecapto
apto poetamentecapto
apto poetamentecapto

Mente captando... mente captando
tudo bem aí em Marte?!
aprontando em Marte
ao norte da arte!

POEMA PRÁ PRAÇA DA REPÚBLICA

I

Essa praça
que me abraça
essa praça cheia de ave
essa praça
cheia de graça...

II

...cheia de palmeiras
tão esbeltas...
Praça da República
da república dos poetas!!!

Um cavaquinho soa na noite
enfeitando o final de ano
daqui a cinco dias o ano 06 se finda
dando lugar pro ano 07
numa melodia linda!

Cavaquinhos, violas, flautas
flutuam no ar
enquanto meu coração batuca um samba sincopado...

Nesse ritmo meu sonho viaja feliz,
e algo em silêncio me diz:
é preciso ter senso de humor
prá não se abalar com as notícias
que a TV dispara!
(enquanto isso...)

O ontem amanheceu de novo
entre hojes, amanhã ressuscitados.
Chovia e entre caminhos enlameados
só se via gente e carros atolados...

E assim segue misterioso e belo o tempo
nuns dias chove, noutros dias faz sol.
É preciso aprender a conviver com as negações:
afirmando e negando em meio ao vento
que sopra suave num dia
e no outro ruga como tempestade feroz.

Era triste e cruel ver a paisagem em fogo...
porém era belo o espetáculo:
longas línguas vermelhas lambendo
e devorando o verde indefeso.

DOR E PRAZER

Quero mais que a vida
num momento
sentir o prazer da brisa fresca
no meu rosto
de ficar me deleitando bem disposto
observando as maravilhas que meus
olhos tanto amam
tal como o gozo dos cabritos
quando mamam
se embriagando de vida e de prazer

Prá ser feliz o que não faz a humanidade?!
Sai em busca de prazer pela cidade
pois é bom estar no céu por um instante,
compensando os dissabores do inferno.
Compondo a vida que é uma teia de opostos
com os contrários frente a frente, assim dispostos.
Num dia é o gozo que comanda as sensações
num outro a dor a rasgar os corações.

MANIFESTO ECOLÓGICO

Derrubam nossas árvores
Derrubam nossas árvores!

Cadê minha palmeira
Cadê minha aroeira?
Cadê meu pé de ipê?
Não resta nem o “p”.

Cadê meu Mato Grosso?
Cadê meu grosso mato?
Derrubam nossas árvores
Derrubam nossas árvores.

E agora o que nos resta?!
Só resta só rezar
Pedir pro deus-da-chuva
Mais árvores pro lugar!

O que será de nós
depois dos nós atados?!...

O que será dos nós
depois de nós atados?!

O que será de nós
depois de atados, nós?!...

NEGRITUDE

Eu tava indo de preto:

calça preta,

camisa preta,

sapato preto

cabelo preto...

... e uma rala barba negra...

Nem por isso tava de luto:

tava filiz e sorria

Engendrar do ser
no ser
para êxtase dos deuses:
apoteose dos adeuses...

(meu amor não mora mais aqui!)
Que rumos tomará
esta poética marginália tropicana?

Será que alcançará o Azimuth do verso?
Ou se postará de 4
ante a pirâmide opaca
do verso travado?

Os rumos ninguém dirá!
dirá o profeta da mentira,
porque nem Deus sabe!

Mas, já dizia Dante
lá pelos idos de 1200 e pouco:
que a poesia tomaria
novos rumos, novas tonalidades,
novas “tomalidades”!
Em uma época futura imprecisa!

Dizia ele, que a poesia
ainda ia ferver num
inferno crepuscular cômico
cósmico divino!

Numa comédia
cheirando a tragédia!

Seu rumo
e seu prumo,
e “taí”!

Quase no final do segundo milênio
a poesia fervendo num caldeirão borbulhante
incendiara o planeta!
(rebatia Dante em suas intermináveis conferências)!

— Hé! Eu acho que Dante tem razão!
Tanto que preparou

um inferno cômico tragedesco prá mergulhar a poesia dele!

— Hé! Estamos mergulhados num inferno dantesco poético!

Porém, feliz, como eu!!!

NÃO QUERO SER O POETA DE UM POEMA SÓ!

Quero ser o poeta
com o valor de 999 poemas
mil poemas
quero ser o poeta do milhão de poemas.
O poeta milionário,
com um milhão de poesias...

O poeta rico,
o rico poeta, não com um milhão de dólares
com um milhão de sonhos loucos,
com um milhão de poemas!

MINHA MENSAGEM É DODECAFÔNICA!

DADIFORME!
DADAFORME!
DADAIFORME!
ONOMATOPÉICA!
INDECIFRÁVEL!
INDECODIFICÁVEL!

...é o insignificável
neste mundo de signos comunicativos!

...minha língua
é a língua do trovão!

Minha canção
é a canção-trovão!
que explode,
que faz barulho
sem significado
poliglotático ou
dicronarálito!

ESCREVER É UM ATO MECÂNICO!

É como se as mãos fossem
armas atirando pequenas bolas
no alvo de papel!
Explodindo palavras
expressando ideias!

II

Ao passar...

**flashow-me
com o seu olhar...**

Vento! Vento! Vento!
Ventai! Ventai! Ventai!

Suave como tu, meu sentimento,
Vento! Vento! Vento!
Ventai! Ventai! Ventai!

Brisas, tempestades, redemoinhos
corações sozinhos a roçar,
ventando, a tarde vai
balançando o coqueiro!

Vento, Vento, Vento!
Ventai! Ventai! Ventai!

Vento que estremece,
amor que não me aquece,
quando a paixão acaba,
o coração esquece e trai

Vento, Vento, Vento,
Ventai, Ventai, Ventai!

E assim vai, rompendo a ventania,
sopro invisível, saído do nada,
perdi minha namorada,
e acabei chorando

Vento, Vento, Vento!
Ventai! Ventai! Ventai!

Me dói te procurar
e me perder na tua ausência
só o vazio me restou
depois que a música se foi...

Estou sozinho e tudo é silêncio...

I

Os dias vão passando. Uns quentes, outros
frios,
a vida é que passa comigo:
eu, ser dos estios.
De agora em diante, me proponho só me
chover
só pra poder ser feliz; e lagos, mares, ter.

II

O oceano do meu ser desaguou n'outro
oceano
e hoje em desvario,
eu declino plano a plano.

III

Rompe serras, rompe mares, mares dos pesares meus,
mar de mim mesmo,
ando a esmo
mar de dores: EU!

...e a vaca motorizada
passou mugindo...
cruzando o sinal vermelho...

...no acidente foi só leite negro
que escorreu pelo asfalto...

O planeta Terra é um barco...
sou um navegador dele...
parará em que porto?!
Será que até lá, já estarei morto?!

I

Eu sou feliz aqui
estou feliz aqui

Ficarei aqui
enquanto estiver feliz...

II

...quando minha felicidade acabar,
irei prá outro lugar,

Então estarei feliz lá...
estarei feliz lá...
lá longe daqui...
onde agora estou feliz...
lá... lá... lá...
lá... lá... lá
concerto matinal

O vento do ventilador embala a tarde,
enquanto o concerto vai rompendo suavemente as ondas
sonoras
acariciando meus ouvidos, sedentos de música!

Händel suspira na voz de um tenor exaltado,
louvando ao Senhor num oratório!

Tarde do presente?!

Tardes do passado?!

Tardes do futuro?!

— Aleluia, Aleluia, Aleluia!

(repete o coro, solenemente!)

A mentira evoca a verdade, e,
portanto, é a sua própria sombra.

minha caneta é uma pequena espada...
um golpe a cada
palavra
que traço no poema
recortando sonhos...

o silêncio é um
rio
vazio
que corre
entre
nós
dois...

Sou poeta
e ao mesmo tempo,
meu crítico,
meu auto-crítico...
de mim só falo bem...

Por causa desta minha
autocriticidade as pessoas
falam mal de mim...

Agora vê se pode...
se falo bem de mim
as pessoas me tacham
como um poeta “obsesso”

Se falo dos outros
dizem que sou fuxiqueiro,
agora como me porto?
— Calo?!
— Mas como? Se não sou mudo!
E não mudo minha imagem
de poeta, e crítico de mim!

SUPERPROTEÇÃO

Não tenha medo, filho!
Agarre-se a mim!
Não há nada,
absolutamente nada,
no vão daquela escada!

Suba comigo,
confie em mim!
Será bom o teu fim!
Não tenha medo,
pois não há segredo,
no vão da escada!

Em cada vão
de cada escada
não há nada!
Pois o vão é o vazio!

Em cada vão de
cada escada
não há segredo,

não tenha medo!
Não se preocupe!
Não se atribule
não perturbe!
Não pense em nada
pois não há nada
no vão da escada!

Em vão você olha!
Em vão você pensa,
pensando no vão!

No vão, desta escada
para onde vão pessoas vãs
subindo e pensando
em vão
neste vão!

Filho! Não seja tão tolo!
Não suba nesta escada
como a maioria
como uma Maria

subindo com as outras:
suba sem medo!
Pois não há segredo
no vão desta escada!
EU E A PEDRA

Eu agora estou como aquela pedra!

Eu e a pedra:
calados, perante o barulho de
tudo!
Parados, ante os carros que
passam.
Calei-me!
Parei-me!
Imóvel, como uma pedra,
junto à calçada duma
alameda,
que abriga as pedras,
atiradas pelo vento,
que abriga homens,
que abriga “eu”
estirado na calçada
calado
parado
experimentando a sensação
de ser pedra
sem ser pedra!

Falo,
entalo,
...mas não calo

Vomito
meu grito

na cara
do cara
que me joga na cara

O PURITANISMO

CAOS

ABSOLUTORELATIVOABSOLUTORELATIVOAB-
SOLUTORELATIVOABSOLUTORELATIVOABSO-
LUTORELATIVOABSOLUTO

Sábado à noite!

Os sinos da catedral

açoitam o silêncio

VERSO DE PÉ QUEBRADO

(NO REINO DOS CÉUS)

Ouvi uma voz dizer
que o mundo tava acabando
e no mesmo instante houve
um grande estrondo,
algo estava desabando

Na maior tranquilidade
eu tentei me proteger
por um milagre dos deuses
fui salvo dessa hecatombe
peguei carona num pássaro
que veio prá me levar...

POETA DE BICICLETA

(PARA NENETO)

O poeta de bicicleta
girando o pedal do verso
diz poesia em plena praça...

Pedala... pedala... poeta...
gira... gira... poeta
como a Terra
feito uma grande bola oca
transportando eu, você, nós.
O poeta pedalando
pedalando

Pedala... poeta... pedala
gira... gira... poeta
gira, que o verso é rede
moinho...
rodando feito pião
na mão,
no pé
do poeta...
pedala, pedala , poeta,
gira... gira... poeta...
poeta
de bicicleta

AVEPASSOU
NUM VOO RÁPIDO
ME ENCANTANDO...

QUERIA QUE AVEPOUSASSE
NOS MEUS BRAÇOS
E ABRASASSE

UMA PÉTALA
QUE CAI
DO FLAMBOYANT
VIRANDO
TAPET
PRO
PASSANT

É egoísmo demais querer o teu amor só prá mim!

Tem minutos na vida
que valem como um precioso
rubi, joia do tempo!

Perdi você porque não bebia
anoiteceu, pensando que amanhecia!

Oposto do oposto de si mesmo:
sol posto!

Brilha o sol cintilante
na água da chuva
que molhou o asfalto...

Os carros passam em
sobressalto
molhando a calçada
com seus pneus furiosos...

Meus olhos curiosos
observam tudo
e eu fico mudo
bebendo a paisagem líquida
que embaça
essa parede de vidro!

Ouço a canção do
passado
para compreender o presente...

Seguindo, caminhos de
água

Chegaram até aqui
gente que veio de longe...
com brilho de ouro
nos olhos...

O ouro se acabou
e agora?!

Rio que corre

rio que morre

injetaram dragas
e esgoto em
você...

Na calada da noite ouço
um grito
que vem da profunda escuridão
sinto gelar meu corpo inteiro
é grito de dor, de solidão!

Rasga os ares noturnos
como um raio
vai rompendo paredes, muros,
vales,
como um cavalo veloz
relincha e passa...
pisoteando a calçada desta
praça,
é loucura, é clamor, revolução!

No estertor desta força
lancinante
como um último suspiro
sela a sorte
de ficar cara
a cara com a morte

Em busca de aventura
assim veloz feito um raio
já ia rompendo maio
a luz no céu, minguate

Foi então que apareceu
na minha frente uma deusa
com olhos brilhantes, raros
tiara presa na frente,
louvando Anacreonte,
aquele da Grécia, filho!

A harpa assim dedilhada
cantava doce canção
atingiu meu coração
estava hipnotizado!

Ao passar por mim
me trouxe dor sem fim...
como flecha que trespassa
o peito:

Nosso amor...
não tem mais jeito!

OPTIMISMO

Encarar a montanha que
nos cerca...
Avançar em meio à tempestade...
Enxotar de vez o
medo que me invade...
E transpor as muralhas
da preguiça...

No raiar do sol
é um convite
pra um novo dia
de batalha
enfrentar a espada e
a navalha
de gente estúpida
entupida de burrice!

E assim caminha
o viajante

“TARDE”

O calor me sufoca,
faltam árvores na cidade,
apesar dos ipês resistirem,
lembrando a todos
que a beleza é fonte
e resiste à estupidez humana!

VENTO DA SAUDADE

Como o vento que bate sem parar
fazendo esvoaçar a cortina da janela
nesse exato momento penso nela,
é o vento da saudade que já veio.

Quantos ventos passaram desde o dia
quando ela partiu não sei pra onde
deve ter pegado uma carona,
esse vento de agora me responde.

Vento sul, vento norte, vento do oeste,
ou do leste, sei lá, de quais alturas,
vento que sacode os corações
que batem no compasso das lonjuras.

Brisa breve e de ares tão distantes
vem agora refrescar nesses sertões
o calor abafado da saudade,
a soprar sobre minhas emoções!

Alguém chamou por um nome
igual ao seu
então me lembrei de você,
o grito ecoava repetidas vezes
no meu ouvido que desperto do
seu silêncio
vibrou de alegria

Assim me vi te vendo,
ouvindo alguém gritar
um nome igual ao seu!

Na minha cabeça sua imagem
e no ar uma mensagem apenas!

Um nome igual ao seu
rasgando o ar

EPITALAMIUM

Te trouxe
nozes flores
manjeronas
romãs
depositei-as
ante o pé
da minha
flauta

chuva passageira
passou rápido por aqui...
nem bem refrescou o calor
e se mandou feito visita de médico!

III

Sei lá!

**Não entendo de pauta
sou analfabeto musical
(é que às vezes a canção não faz falta!)**

POEMAS ESCRITOS EM PAPEL TIMBRADO

A música sem voz segue
ritmada e alegre:
música sem letra
o poeta se ausentou;
e assim o instrumentista sapecou
um samba: tamborins, trombones e cordas.

E foi só: sol, lá

Lá vai mais um dia
noite adentro:

há muito que me perdi
meu centro...

Vacas e bois
a beira
pastam na/da estrada

Será que para eles
não resta mais nada!?

Ai dos meus
olhos,

que ao te ver deságuam!

A GARÇA

com
graça
passa...

a
garça
cheia
de
graça...

passa...

passageira branca de um
céu de puríssimo azul...

pássaro
que
passa

depois que puseram asfalto
na minha rua..

nunca mais imprimir os meus
passos no chão...

PAREDES COMUNS TÊM OUVIDOS

ouvidos...

mas as de vidro têm olhos...

VOU CAVALGAR, VOU CAVALGAR

VOU CAVALGAR, NESTE CAVALO DE
TROIA...

VOU FLUTUAR, FLUTUAR,
VOU NAVEGAR
NO MEU NAVIO QUE BOIA...

MAR AFORA NAVEGAR
PELOS CAMPOS CAVALGAR
NOS MEUS SONHOS DE QUIXOTE
COMO ERA MESMO O MOTE

(REFRÃO)
VOU CAVALGAR...

MEUS RESTOS MORTAIS DEIXEI
NA BEIRA DAQUELA ESTRADA

ME ABANDONEI POR COMPLETO
À AMPLA VASTIDÃO DOS ARES
É AGORA O MEU ÚNICO TETO...

TENHO MÃOS DE ESTETA
E NUMA ESTOCADA CERTA
LIVREI-ME DE MIM
NUM SÓ GOLPE...

GOLPE DE MESTRE
ESPECIALISTA EM MATAR-SE
SEPARA O CORPO DO SOPRO
PARA NO AR ALÇAR-SE...

ESCAPAR-SE ILESO
DE SI MESMO ESQUIVAR-SE
MATAR A MIM SEM MORRER-ME
ESTE É O MEU DISFARCE

ESPEREI VOCÊ A NOITE INTEIRA...

OS MEUS OLHOS NO RELÓGIO
NÃO PARAVAM DE MIRAR...

E QUANDO A MADRUGADA VEIO
UM VEIO DE LÁGRIMAS
DESAGUOU EM CHEIO

ME PARTINDO AO MEIO...

**Eu quero viver o animal natural
que há dentro de mim!**

O poema já inútil
na inútil luta da vida...

dividida a dor,
o amor, o pão

Então dá um sono
que divido com ninguém...
subtraindo roncos
somando sonhos
adicionais

Olhares que se fecham involuntariamente
aprendendo que é preciso escurecer por fora
pra clarear por dentro...

I

Você passou por aqui
e me deu um abraço

depois de 20 dias sem te ver
senti tremer meu braço

II

19 de junho:..
numa manhã nublada..
depois de muito matutar
decifrei uma charada:
...cheguei à seguinte conclusão:
“o amor é vão
e a vida é nada!”

NADA COMO IR AO ENCONTRO

do nada

do vazio

desvio

fio

da espada

ponte pro céu

véu de infinita beleza:

certeza de voar!

Todas as manhãs,
quando vou para o trabalho
o cachorro do vizinho
latindo, me cumprimenta...

Véu de infinita beleza:
certeza de voar!
esse verso tão mesquinho
não é do Leminski
adivinho...
faltou Baco nesse vinho...
(para Paulo Leminski)

Este verso tão medonho
não é do Leminski,
suponho...
faltou verve nesse sonho

Te espero como um cachorro
espera o seu dono...
vem! ó dona do meu coração
já faz um tempão que te
espero...
o vento sopra lá fora
e, tudo que tenho
é uma vontade louca
de te ver chegando de novo...
com os cabelos sacudindo
ao vento...
enquanto você chega
toda amorosa me dando
um abraço
que só você sabe dar...
bem apertado como um
laço de serpente...

SHAKESPEARATION

Lá vai Shakespeare cavalgando lentamente
pensando talvez num personagem
que o acompanha na viagem
galopando veloz no chão de sua mente:

Imagina-o com capa e espada
duelando em meio à bruma espessa
com um golpe cruel cortando a cabeça
do inimigo que teima em combatê-lo:

Tem zelo e porte de heróis
o cavaleiro que Shakespeare propõe
justo, leal, verdadeiro e forte
a zombar da sorte em loucas aventuras...

Cavalgando nuvens, embora no chão
lá vai pois o mago da imaginação
a comportar mais um drama envolvente
falando de amor, morte e traição!

Sobre meu cavalo, agora com pressa
Shakespeare galopa pela via expressa
pois mais uma peça ele está sonhando
há feiúra na beleza?!

Podem dizer que não há!
muita gente vai dizer
mas eu arrisco escrever:
feiúra é beleza pura

Beleza vista na forma
é objeto de estética
porém, a mesma na essência
é uma questão de ética...

Se o feio vejo na forma
não observo nos seres
a beleza interior
pois seres se unem
com feios por muito amor...

Enquanto estou terminando
esse poema; cujo tema
é a beleza e a feiura
alguém que muito atura
me diz com ar de deboche,
numa hora bem imprópria
que estou advogando
sem razão, em causa própria.

SONETO IMPERFEITO PARA O MEU AMOR PERFEITO

Não posso pensar em ti,
com mágoa ou ressentimento,
só porque não me queres,
ó! Mais bela entre as mulheres!

Só te ver prá mim é prêmio...
e, se saio a noite, boêmio
é por você que procuro,
mas só encontro cerveja...

Meu frutinho de cereja
meu tesourinho encantado
quero você do meu lado!

Nosso corpo é uma casa,
que possui duas janelas
porém quando vem o sono
entra, senta e fecha elas.

Visitante inesperado
que chega sem ser chamado
nos pegando de surpresa
nos faz beijar uma mesa
com a nossa testa, é claro.

Não é raro esse sr.
nos pegar desprevenidos
em momentos divididos
com amigos,
companheiro em um mergulho

Ponteiros pois de um relógio
que acompanha em um mergulho
de um cara que se afoga
num rio de ar que boia
pescando peixes de sonhos

Visitante inesperado, e estando pois
eu sentado com amigos conversando
o mesmo chega batendo
me pegando de surpresa
e me faz beijar a mesa
com a minha testa, é claro.

Viver é uma passagem!
Viver é ir passando
Navegando, andando, palmilhando
Passo a passo...
- Passo...
(me falta o coringa!)

O silêncio é um rio vazio
a correr entre uma palavra
e outra,

O silêncio é um rio vazio a
correr entre um assunto e outro...

O silêncio é um rio que
corre entre ilhas de palavras...

Eu te queria minha
eu me queria teu,
mas não deu...

Você me perdeu
você se perdeu
eu me perdi...

...por aí, como um cão sem dona...

JOGO DE XADREZ

Um bêbado que está
jogando xadrez comigo
se esbarra em reis e rainhas
como um peão tonto
sem se dar conta
de minha torre
que o observa,
pronta para dar o bote...

I

Ler é reescrever
digo isso de raspão
reproduzindo as histórias
de outra imaginação;

II

... passando os olhos em frases
que vão formando os assuntos
o leitor e o escritor vão juntos
em tremendas aventuras...

FUXICO

Seis mulheres tagarelas
estão lá tagarelando
com gestos exagerados
da vida alheia, falando

Os assuntos são diversos
variando-se o tema
desde os cabelos de Flávia
e o nariz da Filomena

“Aquela trai o marido
cochicha uma, baixinho
e o besta não percebe
que ela divide carinho?”

Na janela o dia inteiro
do movimento da rua
vão sempre tomando nota
cacarejando fofoca
como galinha que bota

Entre gritinhos e risos
o grupo segue fiando
sem a menor compostura;
não percebendo, entretanto
que fazem literatura...

Duas caveiras postadas
uma ao lado da outra
qual delas é mais bonita?!

A da esquerda é
de uma atriz da “dolce vita”
a da direita, no entanto,
é de um mendigo semita...

Em vida ambos tiveram
diferentes predicados
a atriz linda e vaidosa
era uma rosa em botão...

Já o mendigo
feio, sujo e maltratado
feria todos olhares
causando nojo, desprezo...

Hoje as duas faces juntas
esqueléticas, sem carne
se igualam no mesmo nível

É incrível pois a vida:
depois que ela vai embora
deixa uma herança maldita.
A atriz que foi tão bonita
hoje é feia caveira...

CIGANA

I

Não era pr'eu ser feliz
o destino me dizia
era algo que fazia
o meu ser entristecer
produto de mente insana
tangível paixão cigana
que me engana
lendo a mão...

II

Sentir perfumes de lírios
rosas dalias e jasmins
sentindo tanto perfume
tanto aroma em profusão:
produto de mente insana
tangível paixão cigana
que me engana lendo a mão...

III

Isso foi há muito tempo
quando tudo era poesia
numerosos viajantes vagando pelo sertão
ciganos eram por certo

que fugindo do deserto
andavam sem direção:
produto de mente insana
tangível paixão cigana
que me engana lendo a mão...

IV

O meu planeta é Netuno
estrela de mil grandezas
as minhas próprias tristezas
me fazem poeta de verve;
é aí, que o sol ferve
com Netuno em conjunção:
produto de mente insana
tangível paixão cigana
que me engana lendo a mão...

IV

**dias são vales
noites são abismos**

na mesa da cantina
um casal se bica,
como dois pombinhos...

daquela noite de Mefisto
eu vou te revelar isto:
me assustei com a minha sombra!

para muitos, Deus é tudo
para outros, Deus é o nada
prá mim... ele é o eixo da roda!!!

Insônia

lá vai mais um dia,
noite adentro,
há muito que perdi meu centro

Sei que a inconstância
me conduz pelo caminho...
os pensamentos voam alto
enquanto me arrasto
pelo asfalto afora
sem hora pra chegar
no meu porto rotineiro
(sou livreiro)
e por mais que queira
não me livro dos meus carmas
que estão inscritos no livro
do meu destino de menino
que perdeu para sempre
sua caixa de brinquedos...

“NAVE DE PANO”

I

Quando durmo sobre ti,
dentro de ti
(recurvado)
retorno ao útero materno...
rede: útero do mundo
recolhendo seus filhos toda noite
prá dormir e sonhar nos seus braços...

II

Benditas mãos que tecem redes
que em noites claras de luas
viram rendas de luar...

III

E na tarde sonolenta
balançando em meio vento
curto a preguiça das horas
rede: minha cesta
na hora da sesta
nesta sexta-feira quente...

Ai meus sonhos de menino
era tão linda a menina!
vestida só de neblina!

Ai meus sonhos de menino
era tão bela a neblina!

“Ésses”

Ah! Esses meus “ésses” que escrevo
em meio a “cês” e “agás”
são “esses” de sentimento
procurando algum sentido
doces sons para os ouvidos.

A LÁGRIMA DESEJADA

A lágrima desejada que não vem
prá drenar meu sofrimento
represado em mim neste momento,
pois não mói
e como dói,
Dolores!

SOLIDÃO

I

Fechou-se em mim algo que sempre se abria,
e hoje, na maior fria
vivo só, fechado em mim.

II

Não vou além dos meus muros
agora que me tranquei
como um rei sem corte,
esperando a morte.

III

Triste sorte de quem
esqueceu seu bem
e que esquecido também
não tem mais ninguém

PEDINDO PERDÃO A VINICIUS

I

Mil perdões, meu poetinha,
eu vou parar de beber,
o estômago “tá” doendo,
“tá” doendo “prá” valer!

II

A cervejinha gelada
o papo regado a chopp
tudo isso será lembrança
na segura desses dias.

III

Sei que é duro na verdade
desistir de seu prazer,
mas quando a dor bate forte,
não há, pois, como não ceder,
Vinícius, meu poetinha,
eu vou parar de beber!

**S. Paulo, oh! Grande S. Paulo
são pauladas na cabeça?**

os pássaros são filhos do vento

Sem pai, nem mãe!
o poeta é pai do poema.
Pobre poema! Filho sem mãe,
só tem pai...

(a não ser que o poeta
se junte a uma poeta
e num só tema
façam brotar o poema!)

PEGADINHA

O espetáculo começa...
e na pressa
do começo...
nós pregamos uma peça...

Perto da casa onde moro
tem um lago azul de águas plácidas
que se sacode só quando o vento bate...

Daí vou prá janela, espiar sonhando
as ondas se movendo, indo e vindo
num balé lindo lindo...
conduzindo pelo vento:
esse marinheiro feliz, oculto na paisagem
varrendo a superfície
desse meu pequeno lago:
pedacinho de um mar
que perdi há muito...

Se o vento vem feroz
o lago, logo salta
molhando as margens
e as paredes do meu lar...

Porém se vem tranquilo
ele só penteia
as longas cabeleiras
desse pequenino mar...

(pequeno lago azul de minha fantasia!)

meu amor
é como um barco
a vela
que o mar leva
ao sabor das ondas
num dia está calmo
n'outro revoltoso
a remar sem rumo
pelo mar
do amar!

O vento bate na bandeirola
os arbustos do jardim também se
assanham...
é líquida a substância da paisagem!

I

Você passou por aqui
e me deu um abraço
depois de 20 dias sem te ver
senti tremer meu braço

II

19 de junho...
Numa manhã nublada
depois de muito matutar
decifrei uma charada:
...cheguei à seguinte conclusão:
“o amor é vão,
e a vida é nada!”

nada como ir ao encontro
do nada
do vazio
desvio
foi
da
espada
ponte pro céu

SINFONIA SILENCIOSA

I

Sinfonia do silêncio
música oculta de sonho
na grande pausa do mundo
vazia, pois, a tocar
num imenso abismo profundo...

II

Abismo este que acalma
pseudo-música da alma
que me enleva
me leva pelo espaço...

III

E assim nesse compasso
que ao mesmo tempo é pausa
pausa imensa
imensa pausa
causa dos sons
que se movem...

V

Sou mais um na sua lista?

PERFUME SEDUTOR

Passou por aqui e deixou seu
perfume...
que pairando no ar
me deixou envolvido
em meio a um clima de ciúme
não falou nada! Não disse
uma palavra sequer, a mulher
mas também nem precisava
tão perfumada que estava
perfume, ciúme, sedução...
êta trio que inspira
versos dos mais diversos
tendo mulheres cheirosas
feito rosas nos ferindo com espinhos.

SOBRE O CORPO

Esse calor que derrete
nossos corpos de manteiga!
me disse um dia, André Veiga:
— nós não somos seres sólidos...

Somos líquidos, completa...
temos só capa de carne
de água e sangue repleta...

Meu momento agora é
tormento
meu sentimento aflora só
tristeza...
e na mesa em que como
não sou alegria...

Lá embaixo um sax chora
sofrido
enquanto eu aqui dismilinguido
Encolhido no meu canto
destilo o pranto
meu...

Em completo abandono
na mais cruel solidão
me exilei num porão
de uma casa antiga, ruindo...

Arruinado estava eu
ateu sempre e sem pátria
feito um cigano doente
sem poder me deslocar...

Só quem teve a experiência
de padecer com paciência
as dores que a vida dá
é que pode descrever
esse quadro de tristeza...

Alguém me trazia pão
com o copo cheio d'água
anunciando a chegada
dando uma gargalhada:
— Ah! Ah! Ah! Pega já seu pão
dormido...

Quase cego eu só via
um vulto de capa escura
fumando com ânsia louca
um charuto fedorento...

As badaladas de um sino
marcavam as horas do dia
lá pelas oito da noite
se ouvia uma doce melodia...

Era uma voz feminina
soprano para ser exato
trinando como um canário
enquanto o sino tocava
ao longe no Campanário

Amor distante era o tema
das árias que ela cantava
eu sozinho ali chorava
lembrando de alguém que tive...

Na escuridão de um portão
quebrada pela penumbra
de um toco de vela acesa
bruxuleando na mesa...

Uma mesa velha aos pedaços
em qu'eu recostava meus braços
sentado numa cadeira
que rangia suplicante...

Um catre apodrecido
coberto de lona velha
era o meu leito de sonhos
sonhos medonhos com caveiras a
dançar...

MERA ATRIZ

I

Um vestido escandaloso
portava uma dama linda
que deixa as suas costas
expostas;
com enorme tatuagem
na forma de uma serpente
erotizando a paisagem...

II

Suas costas coloridas
brilhavam naquela noite
com o seu vestido negro
colado em seu corpo branco...

III

Se alguém olhava de frente
para aquele monumento
num momento ela girava
em sensual movimento
dando de presente as costas
postas ali; somente pra seduzir...

IV

Depois girava o pescoço a sorrir
bem na direção do moço
piscando os olhos azuis...

V

Enlouquecia quem fosse
(com o seu veneno doce)
fazer tamanha ousadia;
por olhá-la, o infeliz
pois sabia com talento
representar como atriz.

SILVA FREIRE:

no garimpo

da pá

lavra...

ele

lavra

lavra

lavra...

O teu olhar de fêmea
me devora
e agora
o que faço,
me desfaço
nesta hora
diluído entre meus medos?!

Meus segredos revelados
dados já foram lançados
nesse jogo de conquista!

Sou mais um na sua lista?

DOR E PRAZER

Quero mais que a vida
num momento
sentir prazer da brisa fresca no meu rosto
de ficar me deleitando
bem disposto
observando as maravilhas que meus
olhos tanto amam
tal como o gozo dos cabritos
quando mamam
se embriagando de vida e de
prazer.
Pra ser feliz o que não faz a
humanidade?
Sai em busca de prazer pela cidade
pois é bom estar no céu por um
instante,
compensando os dissabores do
inferno compondo a vida que é uma teia
de opostos?
Com os contrários frente a frente, assim dispostos.
num dia é o gozo que comanda
as sensações
num outro a dor a rasgar os corações

Bem ao longe onde o vento
faz a curva,
hei de morrer como um
santo.

A brisa penteando meus cabelos
será minha última carícia.

E aí, Rio?
Quando cheguei ao Rio de Janeiro
o Cristo me recebeu de
braços abertos...

Meu corpo inteiro deságua...
é o calor intenso fazendo abrir as comportas
lavando-me por completo.
(a impressão que tenho é que estou secando!)

Aquele poema passou tão rápido
que não pude detê-lo
em seu voo de Ícaro
derretendo as palavras...

“A PALAVRA DO ENTE”

A ausência em mim
se faz presente
na própria palavra “ausência”;
que na essência
é a negação de si mesma”

Se penso: ausência
se falo: ausência
se escrevo: ausência
ela está presente
ocupando o vazio
que ela mesmo representa...
(ela só é ela mesma quando se ausenta do poema!)
pois, se escrevo ausência
ela se “apresenta”
e se estrangula,
matando-se a si mesma!
Saudades de Amor
onde estás
que não te vejo,
amor meu?!!!
estavas no mar Egeu
sonhando com Ulisses?!!!

Em Cuiabá está tão quente
E não tem mar,
aí na Grécia é que está mara
vilhoso:
defronte ao mar Egeu,
sentada em cima das pedras:
coloridas conchinhas de Aquiles!!!

Medeia está nua
e me tenta
em plenos anos 90
do século XX
que se encara...
Sonho com a Inglaterra
mas Inglaterra não há,
tô morando em Cuiabá!!!

Um trompete ao longe
grita melodioso na manhã...
Soprando no ar
o doce mistério da música
e todo paixão
transbordando-se em melodia!
Melancolia em concerto
dando o tom suave,
duma dor compondo um tema
cheirando a jasmim
jazz mim
jazzmina
só nos resta tocar...
Pena que a canção se faça
transformando tudo em sonho...
Sonho que se move,
no sopro de um trompete
que rasgando o ar
inunda a manhã em música.

CANTO À PREGUIÇA CUIABANA

Ah! Esta preguiça aeroespacialopaca
curtida na sombra dessa mangueira
ao brando sol em pleno fim-de-tarde,
acuada pelo balançar frenético
de minha cadeira de balanço!

É agosto!
E eu gosto...
o vento sacode as árvores
e me sacode também.

(coçando o saco
desafiando bocejos
eu passo as tardes
curtindo uma preguiça aeroespacialopaca
num deleite gostoso...
morgando
a la cuiabana...)

O meu poema é
trova – trovão – canção
alegria pra multidão
pura emoção do coração...
Rimando em “ão” ou não
desperta o vale que vela
o sono da donzela
que nua e bela
espera na cama dela
o amado que já vem
trazendo cravo e canela
saltando pela janela...

Trova pequena é trovinha
a trova grande é trovão
grande raio luminoso
antecipa o barulhão!
O meu poema assim prova
que é rima que se renova
que é gosto que se aprova
na prova dos nove-fora
onde Beatriz ou Flora
se encanta e se enamora
em seus altares adora
o verso raro brilhante
solar crepuscular.

I

Vai! Sombra de meu lápis
escrevendo
expõe meus sentimentos
rabiscados
algo como um grito sufocado
tenho sofrido um bocado,
ultimamente...

II

Vá em frente, rodopiando
entre erres e cedilhas
compondo odes, sonetos, redondilhas
guiados por uma mão que
treme versos...

III

Como seta que desliza, tens
por meta
por no papel aquilo que enche
o poço
da mente de um moço
tresloucado
que transido pela dor
desenha o sonho...

POEMA FÚNEBRE

O recepcionista engravatado da
funerária
espera por mais um cliente que
não chega...
(Parece que ninguém morre nessa cidade!)
Pacientemente espera em atitude
de oração,
deve estar rezando ao Senhor dos Mortos,
seu supremo protetor
para que traga mais um

Seja o homem-dialética!
Contradiga-te!
Desracionalize-se!
Negue e se afirme,
se afirme e se negue,
no caos diário desta vida!
Instintivize-se!
Viva por instinto
numa dialética animalesca!
Não pense na dialética!
Não teorize sobre a dialética!
 Viva a dialética!
 (Viva a dialética!!)
Às favas, o homem-razão!
(adeus Platão, Aristóteles, Kant, Descarte'z!)
Eu quero viver o animal natural
que há dentro de mim!
Quero explodir num grito!
E me despencar deste abismo
racional!
Porque lá embaixo onde
há o reino natural dos sentidos carnis,
lá sim existe a felicidade não pensada, mas racionalizada!
Lá, sim, existe a felicidade naturalmente sentida!
 No corpo!
Sem filosofias vãs,
E nem pregações sobre
nirvanas irreais!
Viva a maya-yoga!

A yoga-ilusão!
A visão-visão-sentido
e calcada no “prazer-que-passa”!
Viva o instinto!
Viva o sentido do
sentimento animal!
“Música maestro,
Qu’eu quero dançar!”

“A MORTE DA FORMIGA”

Formigas trafegam sem
cessar
pela calçada...
e, um dia “vai e vem”
e um “vem e vai” formical
movimentando de forma minúscula
a pista cimentada da calçada!
Concentradas num mundo a
flor do chão...
as formigas trabalham
sem ver o gigantesco mundo
os gigantesco seres que as rodeiam...
como por exemplo, o homem!
Sim! O homem!
Com suas patas enormes,
a andar também pela calçada
ocupando de forma violenta
o espaço onde as formigas trabalham!

Voo

vou por uma estrada

suspensa no ar...

a sensação que tenho,

é que “tô” muito leve,

leve...

nesta nave platônica

que me leva...

olho no canto do bar...

pessoas que voam,

conversam, como que se também

fossem pássaros como eu,

voando numa nave platônica..

supersônica,

veloz,

albatroz com asas de espuma,

a borbulhar, voando

me levando

nos levando

no sentido explícito da leveza

Rir nas comédias
chorar nas tragédias
em mim a dor e a alegria
nas farsas imaginadas...
da mesma forma
a vida é uma longa peça
e o mundo um grande palco
e assim de ato em ato
em riso ou choro desatamos
nesse devaneio louco...

FESTIM MACABRO

Atenção! Eles estão voltando
para invadir nossos quartos
sugando nosso sangue
com suas asas dardejando
zumbido música infernal
cantando assim, bem de fininho
bem junto aos nossos ouvidos:
— Quero sangue! Quero sangue!
e assim, eles se embriagam
transformando nossas noites
em pesadelos
com uma serenata macabra
que nunca se acaba.
— Quero sangue! Quero sangue!
Eles cantam, enquanto nosso
humano coração
bombeia sangue como se
servisse vinho doce pressas
pragas:
pequenos vampiros de asas
a infernizar nossos sonhos.

“RIMELA”

E se bate o frio
meu nariz congela
batendo a saudade
eu só penso nela
cachorro latindo
frango na panela
pedindo um talher
trazem-me a tigela
namorando a gorda
paquero a magrela
mas pra me casar
prefiro a Marcela
pois além de rica
me ama e é bela!

Tá de saco cheio
das rimas em ela?

de “finim” eu saio:
fecho meu balaio!

Oh! Brasília
Oh! Brasília
até quando
serás ilha,
(de poder)?!
Brasil!
que te pariu?!

Em busca de inspiração
saí em expedição ao oceano do verso...
naveguei amores vãos,
sem achar uma saída,
num pranto de despedida.
acenei prum barco errante
era o barco de Dante
com Beatriz, sua amada!
Infinito oceano de duras procelas,
com barcos a velas, flutuando em mar aberto...
com Camões naufragado,
nadando com uma mão,
n'outra leva a inspiração
que o mar quer levar embora

Mergulho profundo
em mar tenebroso
poeta medroso
nele se mete
é preciso coragem.

EPITÁFIO DE RILKE PARA SI PRÓPRIO

na selva de pedra
os tigres são de aço

Abateu-se sobre mim
uma tristeza sem motivo...

Daí perguntei pra mim
será que tô morto?!
será que tô vivo?!

será que tô morto-vivo?!

O homem é uma árvore de desejos



ESCREVER É UM ATO MECÂNICO!
É como se as mãos fossem
armas atirando pequenas bolas
no alvo de papel!
Explodindo palavras
expressando ideias!

ISBN 978-65-88600-54-2



9 786588 600542

REALIZAÇÃO

Lei Aldir
Blanc em
Mato Grosso

SBCB
Secretaria do
Estado de Cultura,
Esporte e Lazer

Estado de
Mato
Grosso

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL